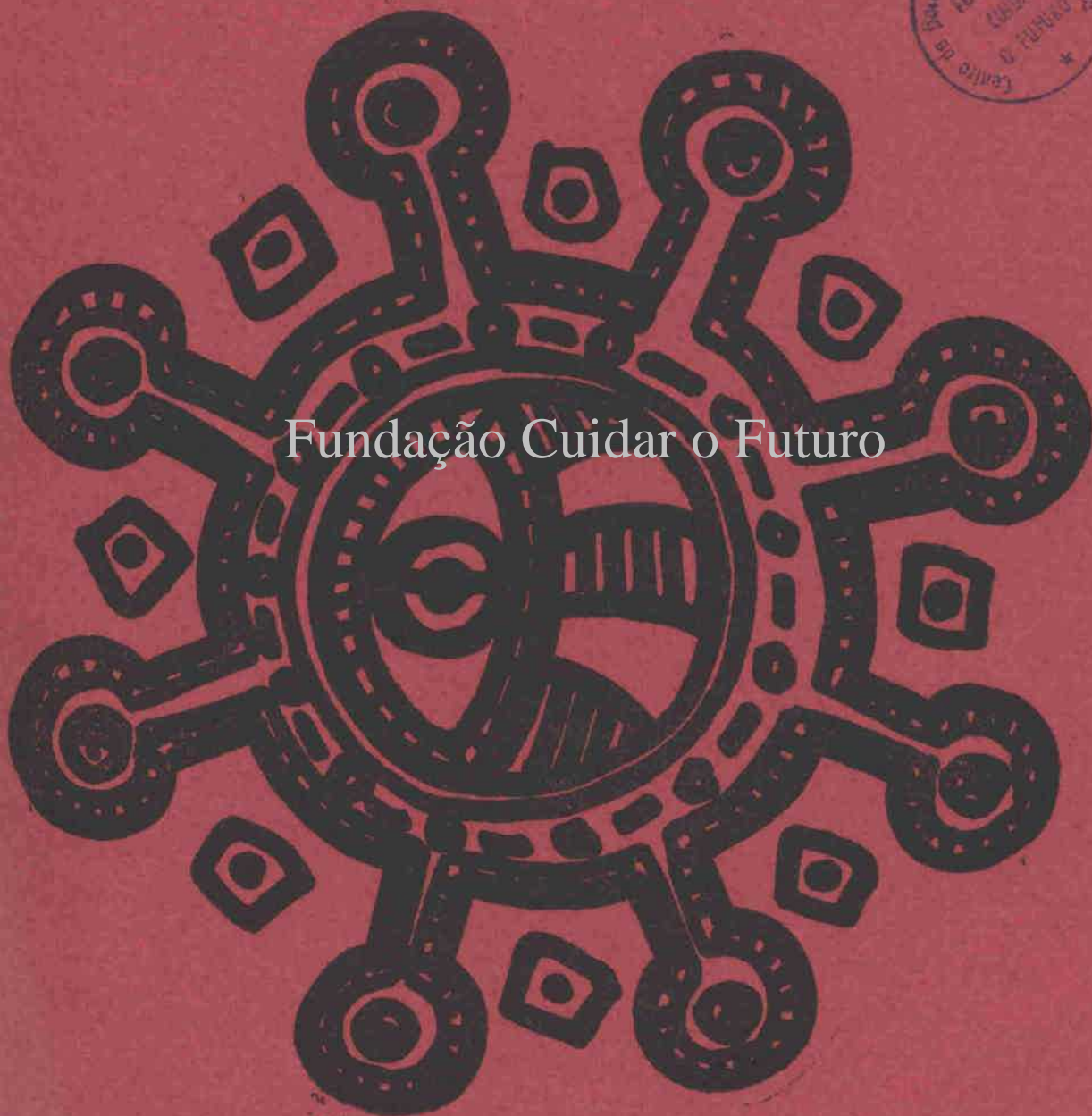


presença



Fundação Cuidar o Futuro



Fundação Cuidar o Futuro

presença

FEVEREIRO DE 1959

Redacção: Av. Duque de Loulé, 90, r/c D.
LISBOA

EDITADA PELA J. U. C. F.
FILIADA NA PAX ROMANA

sumário



silêncio e autenticidade

Natália Hasse Fernandes

nota litúrgica

Maria Flávia de Monsaraz

a mulher no plano da criação

Maria Emília Lobo Alves

a criança e a educação do seu
sentido religioso

Maria Luiza Caldas de Almeida

documento notável

P. José Ferreira

a conquista do espaço

Estela Franco

a penitência na vida cristã

Almerinda Cardoso

o mistério da bíblia

Mre Gabriel Marie O. S. B.

uma manhã nos "castores"

Graça e Tereza

quem são as irmãs do padre
Foucauld?

Tereza Osório

Sophia Andresen

Maria Alves da Silve

a semana de estudos de Fátima

Eduarda Cruzeiro

encontro missionário

Maria Ivette Colaço

Ver para pensar

— a paz de Cuba

José Ascensão

— carnaval no Estoril

Joaquim da Silva Pinto

ficheiro bibliográfico



silêncio e autenticidade

Vivemos quase todos fora da Realidade. Uns mais perto, outros mais longe, mas quase todos fora. Raros os que nela penetram, nela mergulham as suas raízes e nela vivem, serenos. Porque a Realidade é feita de silêncio e nós falamos e agimos demasiadamente. Há milhões de línguas entre nós e os outros e dentro de nós mesmos. Mas nem sempre são as línguas do Pentecostes... Na pressa, no atordoamento, vivem os que só vêem a urgência da conquista e até os que só vêem a urgência das boas-obras. Mas o verdadeiro sinal de vivermos na Realidade é sentir, sobretudo, a silenciosa urgência do Amor. Falta-nos silêncio a todo o momento: no espírito, nas resoluções, no olhar, nos gestos e no sorriso. Esquecemo-nos que os seres e as coisas são apenas reais na medida em que existem em Deus, segundo a Sua vontade e para Sua glória. Nós e o mundo que nos rodeia só somos autênticos quando estamos a contribuir para a glorificação do Criador (através do êxtase sacerdotal de Jesus Cristo mantido nos homens pela Vida do Espírito Santo). E o fim dum dia autêntico é aquele em que pudermos sentir que as coisas e os seres ficaram um pouco mais numa atitude de Adoração (mesmo que seja inconsciente).

Mais do que qualquer outra época litúrgica, a Quaresma convida-nos à reflexão, incita-nos à compunção das nossas falhas, impelindo-nos a um novo olhar sobre a nossa pobreza e sobre os prodígios de Deus operados na Redenção.

Queiramos nós deixar agora que o ritmo e a linguagem da liturgia do tempo penetrem em nós, purificando-nos de todo o movimento inútil e de toda a palavra vã com que temos vindo a macular a nossa Realidade de Filhos de Deus.

NATALIA HASSE FERNANDES

Acabou o ciclo do Natal.

Mais uma vez a Igreja nos tornou presente o mistério da Encarnação. Mais uma vez louvamos a Deus na glória da Sua vinda. O Verbo nasceu segundo a carne. Alegaram-se os Céus e exultou a Terra ante a face do Senhor, porque Ele chegou.

Segue-se o ciclo da Páscoa.

Com ele, a aproximação do sacrifício que irá redimir a Humanidade. «Daqui a dois dias será celebrada a Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado» (paixão seg. S. Mateus).

Estamos no limiar da Paixão, o Salvador caminha para a Cruz, e nós, tornados participantes na Sua dor, somos chamados a acompanhá-Lo, através da liturgia do tempo.

Cristo há-de ressuscitar; mas, antes, é todo o drama do Calvário. Antes, é toda a nossa purificação interior: o arrependimento das nossas culpas, a oferta das nossas vidas, do nosso sofrimento que, unido ao Seu sofrimento, nos torna assim igualmente capazes de Ressurreição.

É este o sentido último do Cristianismo guardado no coração da Igreja: a nossa união a Cristo, de tal modo, que os Seus mistérios se tornam realidade em nossa carne e em nosso espírito.

Em nós se opera a Encarnação. Em nós Cristo ressuscita.

É a própria vida do Pai em nossas vidas, através do Filho, no mistério da Igreja.

Mas não se vive sem se morrer primeiro. «Quem perder a sua vida salvá-la-á, diz o Evangelho.

Todo o progresso espiritual assenta neste morrer de cada dia: para o mundo, para o pecado, para nós próprios.

E o espírito da Quaresma é esta morte.

— tempo de austeridade e de combate, em que se é levado a lutar mais fortemente com o Espírito do Mal, pela procura de maior santidade.

— tempo de renúncia, em que nos é pedida mais penitência e mais amor, pois não há renúncia santa fora do Amor.

Não se pode dar mais sem se amar mais, e a liturgia da Quaresma é um apelo à doação: para a remissão das nossas culpas, para a Salvação eterna.

«Eis pois o tempo oportuno, eis os dias da Salvação. Durante estes dias, conduzamo-nos como ministros de Deus, com muita paciência, em jejuns, vigílias e com caridade sincera» (ant. 1.º domingo da Quaresma).

— tempo em que se vive mais profundamente a dimensão da Cruz, neste leve caminhar da morte para a Vida.

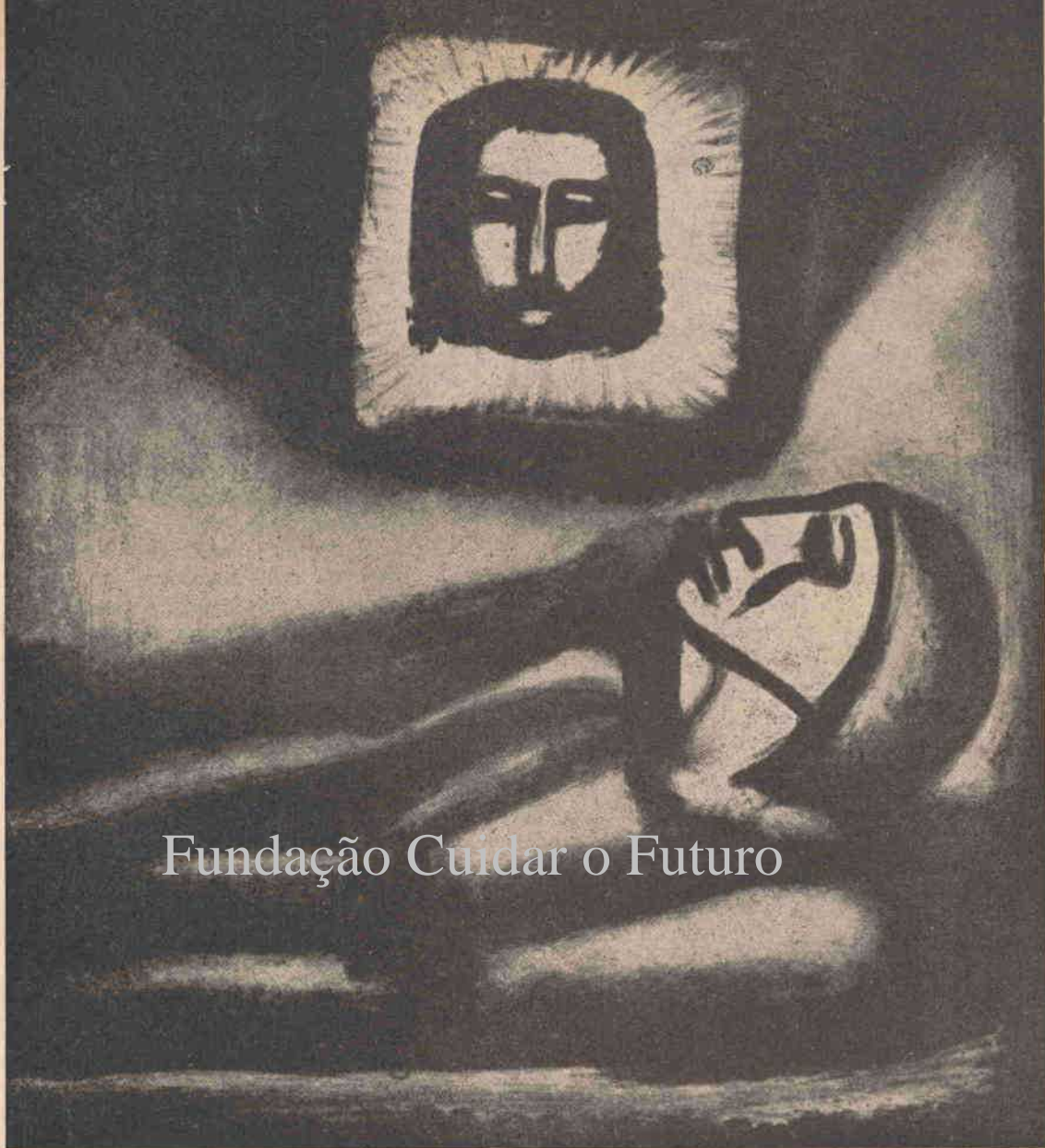
«O caminho da terra prometida atravessa o deserto». Pode dizer-se que é a consciencialização desta realidade que nos traz a Quaresma.

Deserto de esperança, sulcado de penitência e oração.

E assim oíçamos, mais uma vez, a voz da Igreja: «Mudemos de vestido e cubramo-nos de cinza e de cilício, jejuemos e choremos diante do Senhor, porque é cheio de misericórdia para nos perdoar os pecados» (ant. quarta-feira de cinzas).

E ressuscitaremos em Cristo.

MARIA FLÁVIA DE MONSARAZ



Fundação Cuidar o Futuro

ROUAULT
Miserere — De profundis

nota
litúrgica



A multiplicidade dos seres, formas, cores e modos de existência que, numa relação de unidade profunda, encontramos no mundo criado, são reflexo da glória de Deus; são imagem da fecundidade infinita do Criador, sinal de uma plenitude que uma só criatura limitada não pode exprimir.

O que sucede na criação, estende-se ao ser humano. Também a mais próxima imagem de Deus é uma reprodução enfraquecida d'Aquele que representa, de modo tal que Deus a cria homem e mulher, para que assim possa traduzir, com mais riqueza, a perfeição total do Criador. Quer isto dizer que o aparecimento, na cena do mundo, logo no seu início, do homem e da mulher não foi simples acaso, antes contém um simbolismo profundo, que a Revelação nos explica na realidade do Mistério de Cristo, sentido último de toda a Criação.

Ele os criou homem e mulher

Fundação Cuidar o Futuro

Ao lermos no Génesis estas palavras simples:

«... E criou Deus o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus: *Ele os criou homem e mulher*». (Gen. I, 27)

apercebemo-nos logo que, desde o primeiro instante, quis Deus o homem e a mulher fundamentalmente iguais no seu destino eterno (... e criou Deus o homem à Sua imagem; criou-o à imagem de Deus); porém fundamentalmente diferenciados na sua forma de ser (... Ele os criou homem e mulher).

Apercebemo-nos logo que, desde o primeiro instante, uma harmonia essencial assegura, na diversidade, a unidade do ser criado.

E a Escritura continua a dizer-nos:

«Não é bom que o homem viva só. Façamos-lhe uma companheira semelhante a si». (Gen. II, 18)

a mulher no plano da criação

A mulher surge assim, no pensamento do Criador como elemento necessário ao seu plano a respeito do universo, como complemento sem o qual fica defeituosa a Criação.

Bipolaridade do homem e da mulher

O homem e a mulher definem-se, pois, numa bipolaridade misteriosa, desejada — como vimos — por Deus desde as origens, e que se reveste de um significado profundo na ordem da natureza e na ordem das realidades sobrenaturais.

Tal dualidade não é uma antinomia irreductível de duas naturezas, até porque em cada personalidade, e numa escala infinita de proporções, se encontram representados o lado masculino e o lado feminino do ser. Mas certo é que cada sexo tem, para além das características inerentes à pessoa humana e comuns a todos os seres, outras que acusam traços fundamentalmente diferenciados.

Na ordem da natureza, essa dualidade, mais sensível embora no campo fisiológico-anatómico, repercute-se em todos os aspectos da vida humana e explica a existência de um perfil masculino como de um perfil feminino típico, com repercussões na mais elevada esfera espiritual como na esfera instintiva; na vida intelectual, religiosa, activa, etc., é da experiência comum que o homem e a mulher se manifestam de modo inconfundível.

Mas, dissemos atrás, a bipolaridade dos sexos não se reflecte apenas na ordem da natureza e das suas manifestações. Não é só no mundo que o ser humano vive o seu destino como homem ou como mulher. A bipolaridade é, ao mesmo tempo e principalmente, símbolo de uma realidade de ordem sobrenatural. Tal constatação levamos a procurar a missão própria do homem e da mulher no plano de Deus para a sua criação.

O homem e a mulher na Criação

Se o sentido último de toda a Criação é Cristo, isto é, se tudo nela, sendo espelho e símbolo da glória divina, aponta para a profundidade misteriosa do plano de Deus, o qual tem em Cristo o seu centro, o homem e a mulher, como seres dessa criação, são também mistérios e símbolos. E na medida em que penetramos o significado de cada um, estaremos a vislumbrar a própria densidade dos desígnios eternos de Deus sobre o mundo, o próprio mistério da presença do homem e da mulher sobre a Terra.

É S. Paulo, na sua Epístola aos Efésios (cap. V) que nos dá a chave de tal mistério.

Com efeito, o apóstolo traça o paralelo entre a união do homem e da mulher e a de Cristo e da Igreja, fazendo daí decorrer a maneira como devem ser as relações dos esposos e a comunidade de amor que constituem. Descobrimo, no texto do Génesis que se refere à grandeza do mistério da união humana, uma prefiguração profética de outro mistério, o da união de Cristo e da Igreja. S. Paulo não hesita em comparar os termos do paralelo estabelecido e mostrar como o homem é símbolo de Cristo e a mulher símbolo da Igreja, esposa de Cristo, que Ele amou até ao dom total e último de si próprio, para a conservar sem mancha, santa e imaculada. Mais do que isso, mostra como a comunidade de amor do homem e da mulher é simbólica da comunidade de amor que Deus quer formar com a humanidade, através de Cristo.

Fica assim definido o sentido último da criação do binómio homem-mulher: a tremenda revelação do mistério do amor de Deus pela humanidade, simbolizado na comunidade de amor que constituem.

Ora no amor do homem e da mulher há dois aspectos, duas atitudes: a atitude de amor daquele que cria, que toma a iniciativa, que se adianta — o amor do homem —; e a atitude de amor daquele que



responde, que acolhe, que se entrega — o amor da mulher.

Na relação Deus-humanidade repete-se esta dupla atitude amorosa: Deus é Aquele que procede, que dá, que vai ao encontro; a humanidade é aquela que, na atitude especificamente feminina da entrega amorosa, responde ao apelo mais íntimo, profundo e total de Deus.

A capacidade específica da mulher para tal atitude no plano do amor humano, está pois carregada de simbolismo. A humanidade fica determinada a sua atitude: ser esposa de Cristo diante de Deus no mesmo gesto de dom.

Esse o fim essencial que deve ter em vista, e que é, em última análise, o encaminhar-se para a união final ao amor divino, que é, para a Igreja, humanidade em marcha, o encerramento triunfal do drama cristológico, a parusia do Senhor.

Missão da Mulher

Tal o alcance formidável da presença da mulher no mundo, e sua missão própria na economia providencial da obra da Redenção. Ela é aquela que, através de toda a trama da vida e da história, mantém viva a atitude fundamentada do homem perante Deus, atitude feita de aceitação silenciosa e humilde, espírito de dedicação total ao Senhor dos Senhores.

Junto do homem, tanta vez embrenhado no domínio da criação, obstinado na afirmação de si próprio, na paixão da actividade e da concorrência, na busca dos seus interesses egoístas, a mulher, pela sua disposição natural para o esquecimento e dom sem reservas de si mesma, pela sua inclinação por tudo aquilo que a chame a realizar-se pela dádiva, pela simplicidade da sua influência, pelo silêncio da sua constante vigilância e da sua vigilante resposta, é autenticamente uma presença que chama ao centro o que está na periferia, que lembra o sentido essencial da vida e das coisas,

que reflecte a atitude que convém à humanidade perante Deus.

Mais perto do humano que o homem, porque vive a camada mais profunda das coisas, mais próxima da natureza que o homem, porque aprende através do seu corpo e especialmente através da maternidade, o que o homem não aprende, mais dentro da linguagem do símbolo, porque, para além do imediato e do útil olha para o alcance último de todas as coisas, a mulher é, na verdade, a salvaguarda dos valores essenciais, dos valores de eternidade no tempo. A sua atitude de acolhimento, a sua tendência para as grandes realidades metafísicas, a sua capacidade de profunda vivência religiosa, a sua abertura para o mistério contido nos seres e nas coisas, o sentido que tem da lentidão de todas as gestações humanas — tudo isto que acompanha a vocação fundamental à maternidade — é a sua forma mais autêntica de existência, que se traduz no *Fiat* à acção fecunda do Espírito Santo. Virgem ou mãe, vivendo o mistério da integridade do dom que é plenitude de Deus, renúncia à divisão por amor do Seu Reino, ou vivendo o mistério das bodas fecundas de Cristo e da Igreja, a maravilhosa maternidade de Maria, a mulher é, no mundo, a própria presença do Amor.

Na época desorientada que é a nossa, em que trágicamente se vai perdendo o sentido dos valores essenciais, é urgente que a mulher reassuma o papel que, desde sempre, lhe foi atribuído na intenção de Deus. E que traga ao mundo confuso e materializado a contribuição única e insubstituível da sua feminilidade autêntica, traduzida na integridade de cada pensamento, plano, atitude; na riqueza de cada inspiração, na fecundidade de cada silêncio, no simbolismo de cada gesto, no penetrar, forte e simples, na densidade do Mistério do Amor.

Maria Emilia Lobo Alves

a criança e a educação do seu sentido religioso

O falar separadamente de determinados aspectos da educação da criança pode levar-nos a cair no erro de esquecer que ela forma um todo uno e indivisível e que cada um destes aspectos deve informar a sua vida toda.

Ora se, ao nascer, ela traz já em potência todas as qualidades humanas do adulto que será um dia — qualidades que a moderna educação procura tão cuidadosamente desenvolver — ao ser baptizada, recebe o germe de todos os dons, que poderão fazer dela um SANTO.

A criança baptizada tem, por isso, uma natureza humana sobrenaturalizada e esquecer esta verdade é privá-la — e ao mundo — do melhor de si própria.

Educar não é pois criar nada de novo, é apenas ajudar cada pessoa a ser, o mais perfeitamente possível, aquilo que Deus quer que ela seja, fornecendo-lhe o ambiente favorável, que permita o desabrochar de todas as suas qualidades, ambiente que representa para ela o mesmo que a água e o sol representam para a semente, que se lança na terra.

Para uma criança cristã, esse ambiente tem de ser um ambiente cristão, através do qual ela encontre Deus e sinta a sua PRESENÇA a envolvê-la permanentemente; um ambiente, que lhe vá dando o sentido cristão da vida, que a vá pondo diante do seu verdadeiro e único fim, que faça nascer nela o respeito por si própria — filha de Deus, templo do Espírito Santo — e pelos outros e que a acorde para a responsabilidade da missão que Deus lhe destinou e que só ela, na sua originalidade, poderá realizar.

A criação deste ambiente exige que o educador seja um verdadeiro cristão, que se debruce com o maior respeito sobre as crianças cuja educação lhe foi confiada e que possua a humildade suficiente para se apagar e não falsear, com a sua, a perso-



Fundação Cuidar o Futuro

nalidade verdadeira da criança, que tem na frente.

Nestes últimos cinquenta anos, tem-se dito e redito, que a criança não é a miniatura de um adulto, mas um ser diferente, ou antes, vários seres, que se sucedem com características especiais, necessidades diferentes e possibilidades próprias, que variam à medida que a criança cresce. Por isso, para exercer uma verdadeira acção educativa, é necessário conhecer a criança e é o estudo da sua psicologia, que nos pode ajudar neste ponto. Ora esse estudo diz-nos que:

A criança é um ser em contínua evolução.

Por consequência, a educação do seu sentido religioso tem de tomar aspectos diferentes conforme as idades a que se destina.

Por exemplo, normalmente não se deve começar a ensinar o catecismo propriamente dito quer dizer



as fórmulas mais complicadas antes dos sete anos, pois a criança não tem ainda o desenvolvimento mental suficiente para uma aprendizagem útil; mas, mesmo depois de atingida esta idade, é ainda muito mais necessário levá-las a viver cristãmente do que a «aprender» cristianismo.

Quando se começa a ensinar cedo demais, a criança é, na verdade, capaz de aprender de cor e de papaguear o que aprendeu, mas isso não lhe dará a menor noção do que é a vida cristã. Correr-se-á então o risco de a saturar e, quando chegar a altura própria, terá morrido nela a curiosidade e o desejo de saber.

Aos onze anos, por exemplo, idade em que surge o poder de raciocinar, a criança tem necessidade de uma religião sólida, lógica, viva e coerente, que lhe permita responder às objeções, que lhe põe o seu espírito e que a ajude a meter os preceitos da moral cristã na sua vida de todos os dias. Por volta desta idade, mais do que nunca, precisa de encontrar coerência na vida dos que se dizem cristãos.

A criança tem uma forma de inteligência diferente do adulto.

A sua inteligência não lhe permite perceber ideias abstractas se não através de explicações concretas e não se pode desenvolver separadamente da memória e da actividade física.

Daqui a necessidade de dar um lugar importante a esta actividade na sua formação religiosa, lugar tanto mais importante, quanto mais pequena for a criança.

É através do corpo, que a criança toma consciência do mundo que a cerca e a expressão corporal é, para ela, o único meio de exteriorizar os seus sentimentos, que as próprias atitudes reforçam e consciencializam. No entanto, neste aspecto particular da educação do sentido religioso, a actividade corporal só atingirá o seu fim se servir de preparação e apoio à actividade espiritual. Não pode, por isso, confundir-se com as actividades, que a divertem. A criança é séria e tem necessidade de ser tomada a sério. Ela sente que se não brinca com o sagrado e que uma vida religiosa autêntica só poderá basear-se no respeito de Deus.

As actividades corporais que ajudam a vida espiritual são, pois, os gestos essenciais da oração, o canto, a mimica.

A criança penetra nos sentimentos dos adultos sobretudo quando imita as suas atitudes.

A criança imita tudo e todos sem distinguir o que é bom e o que é mau.

Daqui a enorme importância da atitude do adulto e do meio ambiente, que ele souber criar à sua volta.

Lembre-mos sempre que o gesto é muito mais eficaz que a palavra e procuremos que as nossas atitudes sejam uma expressão clara e verdadeira do nosso respeito, da nossa adoração, da nossa convicção de que Deus é uma PRESENÇA VIVA E REAL.

O cristão não reza só com palavras, mas com o corpo todo. É na sua unidade de matéria e espírito que se deve elevar para Deus. Reaprendamos, por isso, o sentido dos gestos de oração, que a rotina nos fez talvez esquecer.

Por exemplo, com um Sinal da Cruz bem feito, lento, largo, da testa ao peito, dum ombro ao outro ombro, digamos a Deus que Lhe pertencemos completamente.

Para nos concentrarmos melhor na presença de Deus, que nos olha, fechemos os olhos e demos-Lhe as mãos — unindo palma com palma — e estas mãos, que habitualmente estão sempre a fazer qualquer coisa, não nos servem agora senão para nos ajudar a pensar em Deus.

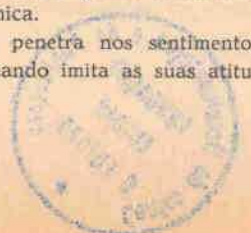
Deus é grande e polifônico. Diante d'Ele não somos nada. Façamo-nos, por isso, pequeninos e ajoelhemo-nos, traduzindo neste gesto todo o nosso respeito pela Majestade divina e, com o nosso corpo, inclinemos a nossa alma. Eis por que rezamos ajoelhados. Eis por que fazemos uma genuflexão profunda e lenta diante do Sacrário.

E não esqueçamos depois, que as explicações verbais, que, por ventura, tenham de explicar o gesto, devem ser um simples e curto comentário...

Esta influência das atitudes faz-se sentir desde o berço. O bebé vai já fixando, no seu subconsciente, a atitude da mãe que lhe mostra com respeito e amor o crucifixo, que reza junto do seu berço como quem conversa com Alguém, cuja presença sente e ama.

A criança tem uma curiosidade insaciável, que lhe permite ir descobrindo, maravilhada, o mundo que a cerca.

Esta característica predispõe-a para admirar Deus Criador, para sentir concretamente o seu poder, beleza e amor o que pode estar na origem de um sentimento de gratidão.



A criança admira os adultos e deseja imitá-los.

Esta tendência exige que os educadores possuam uma autêntica vida cristã, que mostre às crianças, que eles acreditam verdadeiramente naquilo que dizem acreditar.

É só através deles que a criança descobre Deus e essa descoberta não pode ser falseada pela apresentação de um Deus-polícia, que vigia tudo e todos só para tomar nota dos erros e infracções. Essa descoberta deve ser feita primariamente através da apresentação de um Deus-Amor, Deus Pai que procura afastar de seus filhos os perigos do caminho e que, se é exigente, é porque nos ama e nos quer santos.

Nesta perspectiva não será nunca aconselhável tentar obter o silêncio ou a obediência com argumentos tais como: «Deus está a ver-te. Se tu desobedeces, castiga-te»; ou então: «Por causa de ti, o Menino Jesus está triste»; ou ainda aterrorizá-las, insistentemente, falando-lhes do inferno e esquecendo o céu.

A criança possui uma forte imaginação mítica, que só desaparece completamente com o surgir do raciocínio.

No seu mundo infantil, não há fronteiras entre a realidade e a ficção. Para ela, é facilímo admitir que as coisas inanimadas têm vida e que fala com os animais. Achará, por isso, muito simples falar também com Deus.

Portanto o educador deve procurar evitar toda a confusão, que possa surgir entre estes dois mundos e deve estar atento para, no momento oportuno, a ajudar a distinguir a realidade da ficção sem pôr em risco a sua Fé.

Deve, por isso, evitar-se apresentar à criança uma religião infantilizada e fazê-la acreditar que o Espírito Santo, presente na sua alma, lhe permite penetrar no Mistério divino em toda a sua grandeza.

A psicologia mostra-nos que a criança admira o adulto, porque é grande e forte e está, por consequência, apta a admirar também um Cristo adulto, um Deus todo poderoso.

A religião não deve, portanto, ser-lhe apresentada através de aspectos, que ela terá de rejeitar mais tarde.

Além disso, as bases sobre que deve assentar a

sua vida espiritual devem ser bases duráveis. A vida interior da criança não é no fundo diferente da vida interior do adulto e esta vida não é possível:

- a) sem um verdadeiro sentido de Deus;
- b) sem um verdadeiro sentido do sagrado;
- c) sem silêncio

A educação do silêncio deve pois fazer parte da educação religiosa.

Não há verdadeiro silêncio sem o domínio dos gestos. Por isso, a primeira fase da educação do silêncio não consistirá em exercícios, que exijam a imobilidade, mas em exercícios que ensinem a criança a dominar o seu corpo e a comandar os seus gestos. Só depois se iniciarão os exercícios, de silêncio propriamente ditos, que as levarão a estar caladas diante de Deus, num silêncio activo e atento, a falar-Lhe sem barulho de palavras e a calar-se para melhor O poderem ouvir.

Esta educação paralela do domínio dos gestos e do silêncio disciplinarão a vida humana e permitirão o aprofundamento da vida religiosa.

- d) sem autodomínio

A criança deve habituar-se a fazer coisas que lhe custem, a vencer dificuldades, a vencer o medo, a acabar as coisas que começa, a chegar ao fim do jogo mesmo, quando sabe que já o perdeu.

No entanto, o autodomínio verdadeiro só é possível no limiar da juventude.

A criança é um ser essencialmente afectivo.

Precisa de amar e de se sentir amada. Por isso, se toda a obra de educação é uma obra de amor, com muito mais forte razão o tem de ser a educação do sentido religioso.

É este amor que nos permite dizer a cada criança aquilo que ela espera de nós em cada momento, que nos permite descobrir o que as diferencia umas das outras, que nos permite maravilhar-mos com elas perante as suas descobertas, que nos permite cercá-las daquela atmosfera de confiança, segurança e alegria, que lhes é indispensável para se desenvolverem completamente.

Maria Luísa Caldas de Almeida
(Responsável Nacional dos Sectores
Pré-Juvenis da J.C.F.)



documento notável

Deu já volta ao mundo a **Instrução sobre música sacra e Sagrada Litúrgia**, emanada da Sagrada Congregação dos Ritos com a data de 3 de Setembro de 1958, precisamente na festa de S. Pio X, o grande Papa iniciador do movimento de renovação da vida litúrgica contemporânea. E ⁽¹⁾ pelos ecos que de toda a parte vão chegando, sabe-se do universal regozigo com que o documento foi recebido.

A vida litúrgica está merecendo da presente geração cristã interesse raras vezes sentido. É graça que não sabemos agradecer suficientemente a Deus, esta de os cristãos de hoje voltarem a compreender e, por isso, a amar esta presença salvífica, no meio dos homens, da acção redentora de Cristo, que é a Sagrada Liturgia.

Esta compreensão, porém, e este interesse da Liturgia têm de tornar-se concretos nos diversos actos litúrgicos. Amar a Liturgia é entrar na sua celebração, segundo o direito e o dever que a cada um dos simples fiéis — dado pelo próprio carácter do sacramento do Baptismo, não falando já, para os ministros sagrados, do carácter particular da Ordem. É entrar na sua celebração é, numa palavra, nela participar, não «como espectador mudo e passivo» mas como autêntica personagem activa do drama sagrado.

Três famosas encíclicas de Pio XII, Papa de tão saudosa memória, **Mystici corporis**, **Mediator Dei** e **Musicae Sacrae** vieram ajudar a desenvolver na cristandade a consciência desta posição em face da Liturgia.

A primeira desdobrava diante de nossos olhos o mistério da Igreja, sem o que a Liturgia não teria sentido; a segunda centrou a atenção na própria acção cultural da Igreja, a sua Liturgia; a última chamou a atenção para um dos elementos de não pequena importância na Liturgia, a música sacra. Com esses três documentos se podiam definir as bases sólidas dum autêntico movimento de renovação litúrgica.

No entanto, a nova **Instrução**, quis facilitar o trabalho de síntese dessas três encíclicas para organização dum plano seguro e equilibrado de verdadeira participação da comunidade cristã na Liturgia.

É, portanto, a **Instrução**, a síntese da doutrina dessas encíclicas, em ordem à sua execução prática. Não se trata propriamente de nova legislação, mas da compilação de disposições anteriores, que convém não ir esquecendo. Em qualquer caso, o documento, mostra que o problema da participação na Liturgia, longe de ser questão de modas, de gosto pessoal, ou de cedência a não sei que doentio prurido de novidade, é somente exigência muito séria da consciência que se tenha de se ser membro do Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja.

Na impossibilidade de percorrermos todo o documento, foquemos alguns dos seus pontos principais.

1. — «A Liturgia é o culto da Igreja»; por isso, todo o acto litúrgico é acto onde, em certa maneira, participa, em virtude da Comunhão dos Santos, toda a Igreja. No entanto, a Igreja na terra não é comunidade de espíritos, senão de seres humanos, cujas relações são significadas por palavras e actos humanos. Por isso mesmo, a Liturgia é acção; é

(1) Está à venda no Secretariado Nacional da J.C.F. (preço: 7\$50).



rito, é palavra e é gesto, para que nos seja possível participar nela à maneira humana. Daí que os actos litúrgicos supõem a comunidade presente à sua acção, e activa na sua participação.

Qualquer celebração litúrgica realiza-se no meio da assembleia, presidida pelo seu ministro sagrado; e mesmo quando, a ausência da comunidade dos fiéis obriga o ministro a incarnar em si toda a assembleia ausente, ainda então ele agirá, não como simples membro isolado, senão como ministro da comunidade. É o caso, por exemplo, do **Offício divino** do Breviário, que, rezado embora somente por um sacerdote, mantém, no entanto, a estrutura de oração da assembleia... desfeita!

Não admira, por consequência, que a **Instrução** dê tantas orientações em ordem à participação dos fiéis nos actos litúrgicos, em particular, na Missa, pois que ela é, não apenas um acto sagrado, a que se pode e deve assistir, mas a acção cultural por excelência, celebrada no meio da Igreja, para que esta nela participe.

2. — De um extremo a outro a **Instrução** visa a **participação** dos fiéis. Não se trata de **nova** promoção dos simples fiéis leigos, mas tão somente de nova consciência que é preciso dar a todos os cristãos de que todos somos membros do Corpo Místico de Cristo, e não só os clérigos. A Liturgia não é acção só da Hierarquia, mas da Igreja, embora os seus ministros necessários sejam os que, pelo Sacramento da Ordem, para tal foram escolhidos.

Por consequência, os fiéis devem aprender a parte que lhes compete nas celebrações litúrgicas, como os clérigos aprendem as suas. Participação não quer dizer interferência indiscriminada, mas actuação oportuna, segundo o exigir a estrutura da acção e a posição do participante.

Assim, participar na Missa não é o mesmo que cantar **muito** ou recitar

muitas fórmulas; também não é o silêncio contínuo a pretexto de recolhimento; mas cantar, responder, recitar ou guardar silêncio consoante a estrutura da celebração o exigir.

3. — A **estrutura da celebração** é a primeira coisa a ter presente na participação.

A Igreja reza como crê, segundo o antigo aforismo «lex orandi, lex credendi». E, seguindo o mesmo princípio, as acções sagradas da sua Liturgia, organiza-as em conformidade com o seu pensar a respeito dos mistérios celebrados. Assim, a maneira como a Igreja organizou a acção sagrada, que é a Missa, é o melhor esquema, e o único perfeito, para participar nos mistérios da Missa.

Seguindo esta lógica, as normas concretas para a participação na Santa Missa, apontadas na **Instrução**, baseiam-se todas na simples observação da estrutura da Missa. Vejam-se os números 23 a 39, por exemplo.

4. — Mas é evidente, que toda a participação exterior supõe sempre a **consciência** daquilo em que se está participando: sem esta consciência não há de que falar em participação. A **Instrução** lembra-o no n.º 22 a), logo no princípio do longo capítulo III, como absoluto e indispensável princípio. Mas a coisa é de tal modo evidente, que só o nosso tempo se viu obrigado a insistir tanto na participação **interior** e em que a participação na Liturgia não se podia limitar a simples actuação exterior. Nunca a Igreja imaginou que fosse possível o contrário; nunca a Liturgia foi para ela o espectáculo, e só a época romântica soube justapor às fórmulas de oração requintadamente sentimentais o conceito acentuadamente protocolar e teatral da acção litúrgica, contrapondo como inimigas a piedade, sincera vivência da Fé, da Esperança e do Amor, e a Liturgia, segundo ela, a etiqueta, puramente exterior, do templo cristão. Nada mais falso. Toda a Liturgia é expansão de piedade; e a forma mais augusta da pie-



Fundação Cuidar o Futuro

HANS MEMLING (1430?-1494) — *Painéis laterais do triptico CRISTO ENTRE OS ANJOS* — (Museu Real das Belas-Artes, Anvers)

dade é a Liturgia.

5. — Tudo isto supõe uma **iniciação**. Ninguém nasce ensinado, diz o provérbio, e em Liturgia também não. A **Instrução** lembra, (n.º 22 d) a necessidade da preparação dos fiéis. E é natural. O cristão deve saber viver cristãmente, deve saber rezar cristãmente, como saber acreditar cristãmente.

6. — Desta sorte, a Missa merece particularíssima atenção. A sua celebração é o centro do culto cristão. Foi-o desde a origem. A sua renovação é mandato do Senhor: «Fazei isto em memória de Mim». A sua celebração **reune** a Igreja: é um banquete, segundo a própria instituição de Jesus.

A Igreja criou-lhe depois o quadro que o envolveu, a proclamação da Palavra de Deus, envolvida pelo canto e pela oração da assembleia. Também nisto a Missa é um banquete. Nela a Igreja se alimenta do «Pão do céu» e «de toda a

palavra que sai da boca de Deus». Aí a Igreja é autenticamente **Igreja**, isto é, assembleia, comunidade. E a Liturgia Eucarística supõe esta comunidade participante, pois que num banquete não há simples espectadores; há comensais, há convivas.

A **Instrução** dá normas concretas para esta participação:

a) na Missa **cantada**.

Esta pode ser de duas maneiras: — 1) **solene**, se com Diácono e Subdiácono, os dois principais ministros da celebração solene; — 2) ou **simplesmente cantada**, se sem esses ministros mas somente com o Sacerdote, que, no entanto, canta as partes que lhe competem. A Missa cantada, e até solene, é a forma plena de celebração eucarística. Foi ela que criou o actual esquema da Missa previsto no missal, pois que algumas peças, os cânticos (introitos, gradual, aleluia, tracto, ofertório e comúcio)



Fundação Cuidar o Futuro

não fazem sentido noutra lugar. Os fiéis devem saber participar pelo canto neste tipo solene de Missa. E lembra-se que, sendo a Liturgia católica, isto é, universal, devem os fiéis cristãos ser capazes, ao encontrarem-se em qualquer parte do mundo cristão, de cantarem os mesmos cânticos para participarem na Missa cantada. ⁽¹⁾ (Cf. n.º 25-b).

Na Missa cantada proíbe-se absolutamente o uso de cânticos em língua vulgar.

b) na Missa rezada.

A Missa rezada é a forma de celebração eucarística não solene, e consiste, substancialmente, na supressão do canto, principalmente na parte do celebrante. (Cf. n.º 3); mas a estrutura do ritual é a mesma. Daqui, que a participação na Missa rezada é tanto mais perfeita quanto mais se aproximar da participação na Missa cantada. O que na Missa cantada era **cantado** passa agora a ser

recitado. Daqui que, de maneira genérica, se pode formular este princípio muito oportuno: Na Missa rezada pode e deve recitar-se o que na Missa cantada deve ser cantado. O princípio merece, no entanto, estudo mais pormenorizado, que agora não podemos fazer.

Temos de pôr ponto final. Aí ficam estas simples ideias. Mas elas bastam para nos convencer daquele princípio fundamental formulado já há 55 anos por S. Pio X, de que «a participação nos sagrados mistérios da Liturgia são a parte primária e indispensável do verdadeiro espírito cristão».

P.º J. da Costa Ferreira

⁽¹⁾ A *Instrução* indica concretamente uma missa em canto gregoriano, que todos devem aprender. Esta missa será brevemente editada entre nós.



a

Há mais de um ano que a Imprensa mundial se vem fazendo eco daquilo a que poderíamos chamar «a psicose da supremacia espacial».

O problema, de estritamente científico que poderia ter sido, desvirtuou-se logo na origem. Creio mesmo poder afirmar sem exagero que nasceu já desvirtuado, isto é, nasceu *político*, como quem nasce de olhos azuis ou de tez morena.

O Ano Geofísico Internacional serviu de pretexto a uma competição sem tréguas, no pior sentido — e no mais dramaticamente destrutivo — que a palavra pode comportar.

Todos o sabemos: nasceu o bebé-Lua russo, o *Sputnik I* e a América, que se julgava ainda senhora de uma superioridade científica e técnica inultrapassável, sentiu, em toda a sua violência, o golpe que tão profundamente atingia o seu orgulho nacional. A imprensa de informação e a imprensa de opinião traduziram, com muita fidelidade, o que se passava na grande e pujante nação americana. E corriam para os *teletypes* notícias como estas «*Inexplicavelmente* (mas seria mesmo inexplicavelmente?), *Wall Street registou uma baixa de 5,6 biliões de dólares*»; «*Eisenhower vê-se ameaçado no seu prestígio*»...

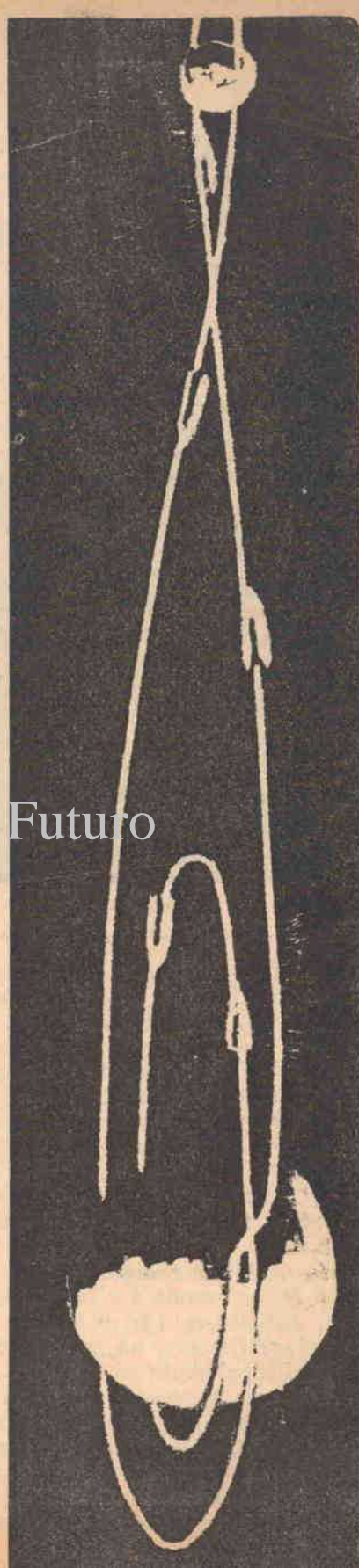
Acusa-se o Presidente de ter sido, em Gueira (1955), demasiado pacifista e de não ter visto, depois, que o outro *Grande* não se mantinha fiel à linha proposta, antes procurava explorar a vantagem que a política de Ike (a política do «Céu aberto») lhe tinha permitido alcançar.

O Pentágono alarmou-se. Mais ainda que a disputa do espaço, preocupava os responsáveis pela Defesa da América a perspectiva de os russos construirem aviões de propulsão atómica e foguetões intercontinentais antes dos Estados Unidos.

O segundo *Sputnik* russo e o desaire do primeiro satélite americano agravaram a situação, já de si tensa, na política interna americana e tiveram um efeito psicológico desastroso. Os cientistas preocupavam-se sobretudo com o problema das fontes de energia e quedavam-se ante a interrogação: terão os russos encontrado um novo combustível ou conseguiram fazer o satélite duma substância insensível ou parcialmente insensível à acção da gravidade?

Neste despique essencialmente político, os americanos ganharam, em breve, a posição a que tinham direito. Aos seus satélites «*Explorador*» e «*Vanguard*», seguiu-se o foguetão «*Atlas*», integrado no projecto

o Futuro



conquista do espaço



«Score» que tornava viável o envio de um homem para o espaço e, segundo Von Braun, a telegrafia instantânea e a televisão à escala mundial.

...E o centro de gravidade da História da América deslocou-se, por um tempo, para o Cabo Canaveral...

Mas a competição continua. O novo satélite russo, *promovido* à categoria de planeta principal, reacendeu a questão. E, neste jogo político, tudo entrou em causa. Foi-se, até, ao ponto de criticar o sistema escolar americano, contrapondo o relaxamento total da disciplina nas suas escolas à severidade e ao regime de trabalho dos jovens russos e comparou-se o número de engenheiros e cientistas de diversas especialidades formados anualmente pelos russos (59.000) com o número de licenciados nas escolas e institutos americanos (26.000); por fim, criticaram-se acerbamente a rotina, as querelas de serviço a serviço (a célebre divergência Marinha-Exército) e os escrúpulos de equilíbrio orçamental da administração federal americana. Entretanto os cientistas continuam a trabalhar...

E os militares entram de fazer conjecturas: uma base americana na Lua suprimiria realmente todos os riscos de guerra? E interrogam-se se não será necessário — urgentemente necessário — que os mais robustos participantes europeus da N. A. T. O. tomem lugar ao lado da América na conquista do espaço. Para quando a promoção da França, da Inglaterra e da Alemanha a potências espaciais?

E, entretanto, os problemas da *ocupação* da Lua e dos outros planetas começam a preocupar os tratadistas do Direito Internacional e, na O. N. U., os anti-colonialistas assustam-se: irão «colonizar» o poético satélite?

A Matemática, a Física, a Astronomia, a Astronáutica, a Astrofísica, a Balística, a Biologia, a Meteorologia estão empenhadas numa das grandes conquistas de todos os tempos. Sente-se que a saída do «Lunik» da zona de atracção da terra representa, para a nossa Era, o que a passagem do Bojador representou para a época dos descobrimentos.

Mas admira e pesa que, nos cientistas e técnicos empenhados a fundo no esforço de descobrir caminhos para novos mundos e em alargar os horizontes da Ciência, se não consiga descobrir facilmente a faceta «Infante D. Henrique» que se esconde em todos eles, quer se chamem Leonidas Sedov ou Werner Von Braun, o lado humano e épico a um tempo — daqueles que *constroem* as suas naves, as enviam à descoberta, e que ficam... e esperam.


Ignora-se até onde a ânsia de conquista do espaço levará os homens do nosso tempo; ignora-se se algum dia homens da Terra pisarão outros planetas e, também, se esses planetas serão habitados. E ignora-se, sobretudo, como a História classificará esta corrida nos espaços siderais. Falta-nos perspectiva... Mas mais tarde, quando o secundário já se não confundir com o essencial, talvez fique apenas a conquista do espaço como feito de Ciência. Talvez...

E talvez se tenha salvaguardado a Paz, quando tudo parecia indicar que ela estava quase irremediavelmente perdida.

Talvez...

Mas por agora fica apenas, a mutilar a harmonia e o grande silêncio do Universo sideral que Deus criou para Sua maior glória, o eco das discórdias que dividem os homens.

ESTELA FRANCO



a penitência na vida cristã

Depois de a humanidade ter ofendido a Deus, quis Ele resgatá-la do pecado, mas duma maneira tão extraordinária — porque é a misericórdia infinita — que lhe mandou o Seu Filho, J. C., realizando-se assim a aspiração do Pai. E Cristo viveu entre nós, morreu por nós e connosco estará até à consumação dos séculos; deu glória ao Pai, fazendo a sua vontade.

Antes de começar o seu ministério público, J. C. quis que o seu precursor iniciasse a sua missão pregando a necessidade da Penitência, como meio de purificar a alma das faltas passadas e preparar o advento do Reino. Ele mesmo orou e jejuou no Deserto: «Não vim para os justos, mas para os pecadores».

Se reflectirmos, veremos que a Penitência, na vida do cristão, é antes de mais um acto de justiça: se roubamos a Deus uma parcela de glória extrínseca a que tem direito, é justo que reparemos essa fraude restituindo, na medida do possível, a glória de que O privamos com o pecado. Na verdade, esta reparação nunca pode ser completa, só por nós, objectivamente, porque a ofensa é infinita e os méritos humanos finitos. A nossa expiação tem, pois, de permanecer na nossa vida inteira e tanto mais extensa quanto mais graves e numerosos os nossos delitos.

É no Calvário que Cristo vítima se entrega ao Pai em holocausto, assumindo todos os pecados da humanidade. Po-

deria ter-Se entregado de qualquer outra maneira, mas quis que assim fosse e a Sua vontade realizou-se. E nós, incorporados n'Ele pelo Baptismo, somos chamados ao mesmo Calvário. Só será, pois, eficaz Penitência a que for unida a Ele, animada pelo Seu espírito. Deixemos, portanto, que o espírito opere para nos tornarmos conformes a Cristo vítima e podermos expiar as nossas faltas.

Finalmente, a Penitência é um dever de caridade. Na verdade, o pecado deixa a nossa alma manchada. Se a culpa já nos foi perdoada pela absolvição, ficamos ainda sujeitos a uma pena que é mais facilmente expiada neste mundo do que no outro. Além disso, quanto mais rápida, perfeita e voluntariamente «pagarmos esta dívida», tanto mais aptos ficamos a nos unirmos a Deus, mesmo neste mundo. Por outro lado, deixando o pecado uma enorme facilidade para cometermos novas faltas, precisamente porque aumenta em nós a inclinação para o mal, nada mais eficazmente rectifica esta desordem do que a virtude da Penitência que vai operar num sentido de maior segurança contra esse mal que é o pecado. E, ainda em virtude da nossa união no Corpo Místico, vão os nossos actos meritórios reflectir-se também nos outros membros, contribuindo assim para a sua conversão ou perseverança. O Senhor impõe-nos o amor ao próximo como a nós mesmos. A melhor



prova deste amor é a expiação das nossas faltas como das dele.

Começou a Quaresma e com ela a Liturgia chama-nos mais directa e intensivamente à Penitência. Foi ainda o próprio Cristo que nos deu o exemplo, jejuando quarenta dias e quarenta noites no Deserto, onde foi tentado, após o seu Baptismo no Jordão. Certamente não é isto que Cristo pede a cada um de nós, mas sim aquele grande «espírito de Penitência» que anda sempre ligado à Justiça e ao Amor; que o realizemos em ordem ao nosso apostolado, que é o de Cristo, e aos nossos deveres de estado que são a sua vontade a nosso respeito — na família, na Universidade, no estudo, na vida social, em suma, na nossa vida inteira — para que possamos dar-Lhe continuamente honra e glória. E a generosidade com que o fizermos é o testemunho da nossa plena e grande alegria. A perseverança no Amor será o luzeiro da nossa vida apaixonada por aquele que livremente se entregou aos algozes por todos nós; por aquele que é a vida da nossa vida. É ainda a humildade que nos leva a crer que do aparente fra-

caso da Cruz saiu a vitória.

De facto não admira que a Liturgia faça da Ressurreição o mistério em torno do qual gravitam todos os outros. Cristo morreu para que o vivéssemos.

É necessário portanto que nos integremos no sacrifício da Cruz — «Quem não pega na sua Cruz e me segue, não é digno de mim». Cristo é exigente, pede tudo; não importa que seja muito ou pouco. Demos o que temos e será tudo. Isto exige heroísmo! Mas Ele também deu tudo; a única coisa que Lhe restava era a vida, e deu-a como cúpula do amor por nós, oferecendo-se ao Pai. Foi este o maior holocausto, porque a vítima era o próprio Verbo Incarnado.

Tentemos remodelar-nos pela Oração e Penitência, vivamos com espírito de Fé, raiz de toda a nossa vida espiritual, para que o Reino de Deus venha a nós e seja alargado. Morramos com Cristo, ressuscitando gloriosamente com Ele para uma vida intimamente unida à Sua. Não especulativamente, mas de forma que entre nós e Ele haja uma verdadeira adesão vital.

Almerinda Cardoso

ficheiro bibliográfico

Quando se começou a publicação deste ficheiro, entendeu-se ser conveniente a utilização de cartolina de duas cores: a cor verde para obras de cunho científico ou doutrinário e a cor branca para as de literatura. Esta solução justificava-se tanto mais quanto, na altura em que surgiu o ficheiro, a Presença tinha carácter quase exclusivamente monográfico pelo que as fichas verdes se distinguiam ainda por só conterem os temas tratados na Presença com maior desenvolvimento. Uma vez abandonada aquela orientação e, por outro lado alargado o âmbito do ficheiro, não só tem menor justificação o critério inicialmente seguido como mais frequentemente surgem, por via dele, dificuldades de ordem variável. É por estas razões que a Redacção entendeu que, para o futuro, todas as fichas serão publicadas em cartolina branca. Chama-se ainda a atenção para o facto de que, por lapso, algumas das fichas anexas à Presença 24 saíram com uma disposição diferente da habitual.

o mistério da bíblia ⁽¹⁾

Digamo-lo imediatamente. O primeiro contacto com a Bíblia não deixa de nos desconcertar, a nós, estudantes do séc. XX.

Como abrir caminho através do dedalo dos setenta e três livros que constituem os Livros Sagrados?

Como descobrir o fio condutor que iluminará os nossos passos?

Como adaptar os nossos espíritos, tão habituados à lógica ocidental, ao carácter semítico que obedece a leis tão diferentes do nosso próprio carácter?

E sobretudo, como pôr de acordo o nosso coração e a nossa alma com a mensagem divina que a Bíblia contém?

Estas dificuldades são reais. No entanto é a nós que se dirigem as palavras de Cristo: «Estudi as Escrituras». E o Santo Padre Pio XII — de saudosa memória — insiste para que a Sagrada Escritura seja posta nas mãos de todos os fiéis. Todos devem ter acesso a esta riqueza, de maneira a centralizar na Bíblia a sua iniciação cristã e a sua formação.

(1) Este artigo é o primeiro de uma série que, a pedido da Redacção, a Madre Gabriel Maria do Mosteiro de Santa Escolástica (Roriz) fará sobre o tema genérico: «Como fazer da Bíblia o nosso livro de vida Cristã». No conjunto das questões a tratar, ter-se-á uma introdução ao estudo da Bíblia e certamente também um convite a um encontro mais profundo com a Palavra de Deus revelada aos homens — base de uma autêntica espiritualidade cristã.

Algumas indicações bibliográficas foram dadas nas fichas que acompanham a Presença n.º 23.

Há então um meio que nos abra este tesouro escondido e misterioso?... Sim, mas é preciso uma chave, uma destas chaves mágicas que abrem um cofre-forte quando se sabe o segredo.

Uma simples volta de chave não é suficiente, pois o Tesouro é complexo.

E seria talvez útil, antes de procurarmos a maneira de nos apropriarmos do tesouro, tomar conhecimento daquilo que ele contém e do que devemos encontrar. Poderemos depois com mais segurança entrever o SEU MISTÉRIO,

Aparentemente a Bíblia é um livro como os outros. Situa-se no tempo e faz parte da vida da humanidade: vida histórica e vida literária. Não nos traz ele a narração de factos — nem sempre edificantes — que vão desde o séc. X a. C. até ao fim do I séc. da nossa era? Não é verdade que apresenta as características das literaturas dessas diferentes épocas? E, através dela, revela-se cada um dos seus valores?

Descobrimos a nobreza de Isaías, a sensibilidade vibrante de Jeremias, a delicadeza de S. Lucas, o ardor apaixonado de S. Paulo. Sim, estes livros pertencem bem aos seus autores e ao seu tempo; reflectem a vida duma humanidade autêntica. A Bíblia é intensamente humana, é PALAVRA HUMANA. E se quisermos ler, sem falsear, a mensagem que as palavras escondem, não poderemos desconhecer completamente o meio histórico em que nasceu, os géneros lite-

A BIBLIA NOSSO
NOSSO LIVRO D
DE VIDA CRISTÁ
A BIBLIA NOSSO
NOSSO LIVRO D
E VIDA CRISTÁ
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLIA
NOSSO LIVRO D
VIDA CRISTÁ. A
BIBLIA NOSSO L
LIVRO DE VIDA
VIDA CRISTÁ. A
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLI
NOSSO LIVRO D
LIVRO DE VIDA
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLI
NOSSO LIVRO D
LIVRO DE VIDA
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLI
NOSSO LIVRO D
LIVRO DE VIDA
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLI
NOSSO LIVRO D
LIVRO DE VIDA
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLI

rários da época, numa palavra, a mentalidade semítica.

É PRECISO TER O SENTIDO DO HUMANO NA BIBLIA.

Mas se a Bíblia é viva e realmente humana, é antes de mais nada plena e totalmente divina. Ela é a PALAVRA DE DEUS:

«Acolhei a Palavra de Deus, não como uma palavra de homem, mas como o que ela é realmente, a Palavra de Deus». (I Tess. II, 13)

Aí está o nó do «MISTÉRIO DA BÍBLIA». A palavra de Deus é-nos entregue sob uma forma humana, por meio da palavra humana. Mas, com toda a sua transcendência, ultrapassa-a. Expressão do mistério inefável, como poderia ser esgotada pelas nossas pobres ideias, pelas nossas palavras?

Lemos as palavras dum Isaiás, dum S. Paulo, e estes escritos são bem os seus. Deus não se lhes substituiu ao ponto de lhes impor ideias e frases feitas.

Mas... insinuou-se nos recantos mais escondidos dos seus próprios pensamentos e imaginações; guiou os seus pensamentos humanos expressos por palavras humanas, de maneira a dar-lhes a dignidade, a segurança, a força dum pensamento divino. Nestes textos o pensamento divino e o pensamento humano ligaram-se numa forma misteriosa e a palavra humana exprimia a Palavra Divina.

Recolhamo-nos um instante perante este texto maravilhoso:

«Depois de ter, por várias vezes e sob diversas formas, falado outrora aos nossos pais por meio dos Profetas, Deus,

nestes últimos tempos, falou através do Filho por que criou o mundo». (Heb. I,

Deus falou e a Sua mensagem era verdadeiramente uma palavra. A Sua Palavra foi depois guardada na Bíblia para que nós possamos continuar a alimentar-nos com ela.

Mas esta palavra é a fonte de água viva que se derrama pelo livro e através dele nos inunda. Esta palavra permaneceu «viva e eficaz».

Ter o sentido do humano na Bíblia, sim, mas TER O SENTIDO DIVINO NA BÍBLIA será a atitude fundamental, que nos porá à escuta da Palavra de Deus.

E ainda não é tudo. A Bíblia faz parte da história. É a história das comunicações de Deus com o mundo. Descreve-nos o plano de Deus e os Seus desígnios de amor sobre a humanidade: dar-Se a Si mesmo para procurar com elas a cidade celeste de que fala o Apocalipse.

Tudo foi feito em ordem a este último fim... desde a criação até Cristo e desde Cristo até aos fins dos tempos. A Bíblia é a narração das intervenções divinas, sempre renovadas sem descanso, de Deus que se debruça sobre o homem com uma infinita condescendência e paciência, para o conduzir a uma perfeição mais alta... apesar das suas contínuas infidelidades. É a história deste amor de Deus desenvolve-se através de etapas e fases sucessivas, numa recuperação extremamente complexa e no entanto com uma orientação simples e única para o termo, a Jerusalém Celeste.

Visto no seu movimento, convergên-

(Continua na página 27)



A BIBLIA NOSSO
NOSSO LIVRO D
DE VIDA CRISTÁ
A BIBLIA NOSSO
NOSSO LIVRO D
E VIDA CRISTÁ
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLIA
NOSSO LIVRO D
VIDA CRISTÁ. A
BIBLIA NOSSO L
LIVRO DE VIDA
VIDA CRISTÁ. A
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLI
NOSSO LIVRO D
LIVRO DE VIDA
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLI
NOSSO LIVRO D
LIVRO DE VIDA
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLI
NOSSO LIVRO D
LIVRO DE VIDA
A BIBLIA NOSSO
LIVRO DE VIDA
CRISTÁ. A BIBLI

uma manhã nos "castores"

Na casa dos pequeninos «Castores» já começou o trabalho. Antes que eles cheguem é preciso pôr o nome de cada um no grande quadro colorido, que lhes indicará as tarefas a executar durante o dia. Esperamos um pouco e lá vem a camioneta do colégio que abrindo as portas faz desabar no jardim ao nosso encontro uma torrente de vida. Ivone, Bia, Fátima e Maggy — esperam sorridentes os seus pequeninos; chamam-nos pelos nomes. Eles cumprimentam-nas barulhentos e dirigem-se imediatamente ao armário onde penduram os casacos. Têm um ar desembaraçado, de quem se arranja sôzinho. Dizem-nos que é precisamente esse o objectivo principal do colégio — transformar os bébés trapalhões em meninos que não precisem senão deles próprios.

Enquanto não são horas de entrar em casa correm todos no jardim. A pouco e pouco vamos entrando naquele mundo que nos olha curioso, nada desconfiado, antes ávido de comunicação. É Isabel que rompe a barreira e nos vem mostrar o seu anel novo, presente da véspera, enquanto Dany correndo à desfi-

Orientado por uma equipa que durante dois anos se preparou exclusivamente para isso, o Jardim de Infância «os castores» nasceu do desejo de educar num ambiente que lhes fosse inteiramente destinado. Dai o mobiliário respeitando a escala infantil, as actividades múltiplas, os horários e programas sem rigidez, o material abundante e variado. Utilizando todas as experiências anteriores conhecidas, tem dado especial importância à educação sistemática dos sentidos, dos movimentos, da expressão plástica, à execução regular de exercícios de vida prática (lavar e passar roupa a ferro, cozinhar, engraxar sapatos, varrer e limpar o pó, etc.) à observação rigorosa das crianças através de tests e outros meios adequados e ao contacto com os pais — através de boletins de informação periódicos, reuniões, conversas, etc.

A frente da equipe orientadora da escola está a Dr.^a Ivone Mendes Leal, antiga presidente geral da J.U.C.F.

lada com os dois punhos fechados em frente do nariz nos grita com ar malicioso: «Eu sou o elefante das «tombas»!»

Mas são horas de começar o trabalho. Luis Manuel, que viu o seu nome no quadro, debaixo dum tambor de papel de lustro pega num tambor de verdade e dá o toque de entrada. Ele também faz a chamada: João! Isabelinha! Ana Teresa! Cristóvão!

Cristóvão é um alemãozinho louro que ainda esta manhã dará que falar.

Os «Castores» dividem-se em 3 grupos conforme o seu desenvolvimento. Vamos primeiro ver o grupo do meio. Nove pequenitos — nesta 2.^a feira o rancho está um pouco reduzido — sentam-se em semicírculo em frente da Bia que lhes pede para contarem o que fizeram durante o fim de semana. Ana Teresa e Luis Manuel viram ambos televisão e são encarregados de imitar os palhaços. No meio da actuação João, que passara toda a manhã abstracto, de olhos distantes, sai da sua «melancolia» e sem dar palavra, arranca a boina da cabeça de Ana Teresa. O incidente

passa e os relatos continuam. O que fez Dany? «eu só parti o vidro do meu quarto». E agora vai falar Cristóvão, que esteve interrompendo os outros constantemente. Acontece porém que alguém se lembra de o interromper o que faz com que ele se levante e dê um safanão ao atrevido. Depois senta-se calmamente a perguntar o que fez a Bia.

E assim se chega a hora do desenho. Cada um irá desenhar o que viu durante estes dois dias de afastamento — trabalho livre que desenvolve as suas faculdades. Por aqui descobrirão o que mais os interessa e isto ajudará precisamente o trabalho da educadora.

Deixando-os entregues ao trabalho vamos ver a cozinha. Todas as 5.^{as} feiras são os próprios castores que ajudam a fazer o almoço.

Dizem-nos que à tarde se vai efectuar o trabalho do atelier — plasticina, colagens, pintura, desenho. O trabalho pode ser individual ou de equipa, mas é sempre livre, até na escolha do material. E o assunto é livre também. Trabalharão sobre o que mais lhes interessa.

Em seguida visitámos os mais pequeninos, ainda muito bebés que, brincando aos teatros encarnavam as personagens de «Mariazinha e Joãozinho na floresta».

E é meio-dia. Voltámos à sala que os castores abandonaram. Hoje é o dia de subir às árvores — ouvimos os seus gritos de alegria lá fora.

E é preciso deixá-los. Voltamos a Lisboa e vimos lembrando os seus olhos, os seus risos, as correrias à volta da casa «para aquecer», mas mais do que isto vimos sentindo aquelas crianças de

olhos transparentes e fundos a transbordarem vida, vida que elas vivem plenamente em cada minuto, em cada acto. E eles não sentirão a infância desperdiçada, a infância inconsciente e despreocupada, porque eles a viveram.

Para nós ficou a lição e ficou a pergunta:

Que podemos fazer, como universitárias, para que outras crianças — todas as crianças — como os pequenos «castores» vivam plenamente a sua infância e nela descubram o caminho do verdadeiro sentido da vida e do Amor?

Graça e Teresa



Quem são as irmãs

— Além, nos países do gelo, uma Fraternidade que vive entre os esquimós.

— Um pouco mais longe, num porto da China, um humilde barco que serve de habitação a três ou quatro irmãs.

— Numa das nossas cadeias, uma Irmã que passa por criminosa aos olhos de todos, para se tonar uma presença mais fecunda entre as presas.

— Religiosas que gastam a vida em longas caminhadas, como os nômadas, com os ciganos, fazendo vida comum com eles.

— Raparigas que se fazem árabes com os árabes, judias com os judeus, operárias com os operários.

São estas as Irmãs de Jesus. Irmãs de todas as línguas, raças, cores, unidas por um elo inquebrável: a sede infinita de levarem a Boa Nova a todos os meios, especialmente aos mais desprezados, aos mais difíceis de penetrar. Mesmo que tenham de deixar as 99 ovelhas para ir à procura de uma que se perdeu. Mesmo que tenham de abandonar tudo: pátria, língua, costumes, mentalidade. Mesmo que as pessoas «prudentes» não compreendam.

A Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus nasceu em França em 1939, procurando seguir os traços de Carlos de Foucauld, esse oficial de carácter violento que depois de 28 anos de vida entregue ao prazer, sente de maneira irresistível o apelo de Deus; e que não encontrando na Trapa, nem depois como criado dum convento de carmelitas, uma vida suficientemente conforme à de Cristo, passa o resto da vida no deserto, entre árabes que tenta converter. Apesar da sua recente fundação, conta já 170 Fraternidades espalhadas por todas as partes do mundo. No nosso país, existem

actualmente 5 Fraternidades, duas em Lisboa, uma em Fátima, uma na Marinha Grande e uma na prisão do Porto.

«A Fraternidade é uma congregação operária, pertencendo à classe social dos trabalhadores manuais e não podendo portanto, possuir dotes ou rendas». As casas são fundadas de preferência nos meios pobres, descristianizados mas que estão ainda à espera do Evangelho.

Se quisermos compreender o espírito da Ordem, temos de aceitar primeiro o que na mensagem de Cristo se nos afigura mais duro. Não é uma vocação fácil, nem cómoda, mas uma vida que exige renúncia, imolação e que só se pode explicar pelo Amor. «Não há maior amor do que dar a vida pelo que se ama». Será necessário estar-se pronto a sentir a falta de tudo, a ser humilhado, maltratado. Será preciso nunca hesitar em «pedir os postos onde o perigo, o sacrifício, a doença são maiores» (C. Foucauld).

No desprendimento de uma pobreza total, as Irmãs devem procurar o último lugar e desejar o sofrimento. «Como Carlos de Foucauld não podem conceber uma vida mais cómoda que a de Jesus nem querem ter nas Fraternidades alguma coisa a mais ou melhor do que Jesus na humilde casa de Nazaré». O trabalho é, para elas, a consequência duma necessidade real: fazendo as tarefas mais humildes e dando ao trabalho manual todo o seu valor, ganham o seu pão dia a dia, como os pobres.

Testemunhas de Jesus, as Irmãs querem misturar-se na massa, como o fermento no pão. Esforçam-se, para isso, por eliminar todas as barreiras que as impedem de se aproximarem dos outros, tudo o que não é incompatível com as exigências da

do Padre Foucauld?



vida cristã — a diferença de língua, de costumes, de mentalidade — para que se tornem árabes entre os árabes, nômadas entre os nômadas, operários entre os operários. Isto implica uma preparação intensa e um abandono total, que as leve a amar mais o país a que se dedicam do que a própria pátria. Cumprem afinal as palavras de S. Paulo, na Epístola aos Coríntios: «Embora eu seja livre em relação a todos, fiz-me o servidor de todos, a fim de ganhar o maior número. Com os Judeus, fui como judeu, para ganhar os Judeus, com os que estão sob a lei, como estando sob a lei, a fim de ganhar os que estão sob a lei. Fui fraco com os fracos, para ganhar os fracos. Entreguei-me todo a todos, para os salvar a todos».

Para que a sua condição religiosa não constitua também barreira entre elas e o mundo leigo, será preciso que sejam, antes de tudo, humanas entre os humanos. «As virtudes religiosas seriam anormais e contra a natureza, se não informassem virtudes humanas». Como a audácia, a virilidade, a delicadeza feminina, o dom de si, também a amizade humana, quando é recta e pura, é demasiado bela para ser destruída ou diminuída.

Apesar da ousadia desta concepção de vida, apesar de se acusar talvez da falta de dignidade religiosa, ela está conforme ao espírito do Evangelho. Também Cristo foi censurado por comer com os publicanos, por se misturar com a multidão, por deixar aproximar os pecadores. «Dei-vos o exemplo para que, como eu fiz, assim vós o façais» (Jo. XIII-17).

Poder-se-ia pensar que esta vida de apostolado tão voltada para o exterior dá à união com Deus uma importância muito pequena. Mas, em vez de separar o tempo dedicado ao apostolado, do

tempo dedicado à oração, a religiosa «deverá levar ao coração das massas a sua vocação contemplativa». «Il faudra tout remplir du Christ jusqu'à en déborder». Será Ele o fermento e «reencontrar-se-á com alegria o silêncio e a clausura, quando a vontade de Deus não chamar a outro dever». «Contemplativas no meio do mundo, ousando afirmar que a sua vida contemplativa pode desabrochar no meio da multidão ou nos caminhos, tanto como no silêncio dum claustro». Contemplação que é alimentada por uma vida de oração centrada em Jesus, presente na Eucaristia e no Evangelho.

O seu caminho é o caminho de «abandono total, conforme o espírito de Infância Espiritual, à luz do pequenino Jesus do Presépio, recebido das mãos da Virgem Maria». Foi o caminho que sempre seguiu Carlos de Foucauld e que tão bem exprimiu na sua «Prière d'abandon»:

Mon Père

Je m'abandonne à Vous, faites de moi ce qu'il Vous plaira.

Quoi que Vous fassiez de moi, je Vous remercie.

Je suis prêt à tout, j'accepte tout, pourvu que Votre volonté se fasse en moi, en toutes vos créatures.

Je ne désire rien d'autre, mon Dieu.

Je remets mon âme entre Vous mains, je Vous le donne, mon Dieu, avec tout l'amour de mon coeur — parce que je Vous aime, et que ce m'est un besoin d'amour de me donner, de me remettre en Vos mains, sans mesure — avec une infinie confiance, car Vous êtes mon Père».

TERESA OSÓRIO



autor de *Um*
autor de hoje

Sophia Andresen

«Há um poeta em mim que Deus me disse» afirmou auto-consciente Fernando Pessoa.

Não sei se Sophia Andresen já recebeu a mesma mensagem de triunfo e responsabilidade. Se no entanto que qualquer contacto com a sua obra, breve que ele seja, nos dá a impressão sempre renovada do encontro com um Poeta.

Já houve quem lhe chamasse «a mais etérea das poetisas portuguesas». Penso ser uma afirmação legítima para quem, como ela, confessa numa pequena auto-biografia poética: «Procurei-me na luz, no ar, no vento». E na verdade o que nela mais encanta é a expressão, em beleza, da procura, eterna luta do Homem.

Mais do que a si própria é um procurar de Alguém que, para lá de todos os fracassos, ela sabe uma verdade e um caminho, uma existência além do que passa.

Tem confiança na grandeza do ho-

mem, no seu avançar e nos seus anseios:

*«Não somos só isto que se torce
Com as mãos cortadas aqui»*

Num platónico mundo de sombras defaz-se toda em ritmo contra a luz, num desejo de fusão com ela. Mundo de busca mas onde nem tudo é apenas esperança de encontro.

Há qualquer coisa que já é afirmação das amplidões sonhadas e desejadas pela alma da que procura sempre: é o Mar. O seu infinito aparente é o reflexo mais próximo do reino onde habita um Senhor sem morte, o único digno de Amor.

Para os que não se perderam do que é eterno, o espírito do Mar guarda «um reino puro de espaço vazio». Aí está a libertação das sombras.

Livre e leve a alma subirá ao mundo etéreo das imagens puras, cuja conquista foi a sua mais firme luta.

No século IV a. C., Platão tentava



O mistério da bíblia

(Continuação da página 21)

encaminhar os homens para a realidade dum reino, de aparência absurdamente irreal para os que não tinham a coragem de o compreender; os tempos mudam mas há qualquer coisa no Homem que vence o Tempo porque é eterna.

É portanto natural a preferência de Sophia Andresen pelo azul, luz, brisa, vento, verde e, acima de tudo, o Mar que nela adquire riquíssima simbologia. A sua impalpabilidade e ilimitação atraem a alma ansiosa de espaços puros e vazios para neles lançar os seus sonhos.

O Mar dá sempre a quem o contempla a ilusão de ter finalmente encontrado um senhor que não possa morrer, porque todo ele é amplidão e lisura. E

*«Deus é no dia uma palavra calma
Num sopro de amplidão e de lisura»*

É magnífico o encontro com um Poeta mas todos sabem quão difícil é tentar comunicar aos outros o que ele nos trouxe.

Melhor do que ninguém Sophia de Mello Breyner Andresen falará de si própria.

*«Profetas falsos vieram em teu nome
Anjos errados disseram que tu eras
Um poema frustrado
Na angústia sem razão das primaveras*

*Porém eu sei que tu és a verdade
E és o caminho transparente e puro
Embora eu não te encontre e no obscuro
Mundo das sombras morra de saudade»*

(Mar Novo)

MARIA ALVES DA SILVA

cia e unidade, esta história é a mais límpida e rica manifestação dos desígnios de Deus.

Estudada sob este aspecto, a Bíblia tem qualquer coisa de apaixonante. E nós possuímos o fio condutor que nos conduzirá através do labirinto.

É preciso LER A BIBLIA COM O SENTIDO DA HISTÓRIA, O SENTIDO DA UNIDADE NA HISTÓRIA. Como diz Claudel «le sens de l'Écriture, c'est sa direction».

Através das palavras humanas, através dos acontecimentos da história, Deus fala-nos e instrui-nos. Entrega-nos uma mensagem de amor.


E a maravilhosa pedagogia divina que presidiu à lenta e progressiva formação do povo escolhido conduz, pouco a pouco, de luz em luz, o cristão que lê a Bíblia sob a direcção da Igreja.

«Tudo o que foi escrito foi-o para a nossa instrução, a fim de que pela consolação que nos dão as Sagradas Escrituras, nós tenhamos Esperança». (Rom. XV, 4)

É na verdade por isso que é preciso que nós encontremos na Bíblia: um ENSINO RELIGIOSO, UMA LUZ, UMA ESPERANÇA, UMA VIDA.

Pois ler a Bíblia não é tanto receber intelectualmente a sua mensagem mas, sobretudo, comprometermo-nos com ela. Afinal, ela faz-nos conhecer «Aquele que veio a este mundo para que nós tenhamos a vida e a tenhamos em abundância». (Jo. X, 10)

M.^{dre} Gabriel Marie, O.S.B.



a semana de estudos de Fatima

resposta ao problema do apostolado dos leigos

Ao cristão destes dias, penso que nunca como a ele, as circunstâncias do tempo tão claramente revelaram uma definição de atitudes, uma correspondência activa.

Diz-se que é difícil surpreender no desenrolar dos acontecimentos, naquilo a que normalmente chamamos a marcha da história, aqueles sinais por que se vêm manifestando, de forma contínua e progressiva, a presença de Deus, a sua acção nos destinos do mundo. E isto é tanto mais difícil quanto a análise tenta forçar uma realidade contemporânea. É-nos relativamente acessível considerar, do cimo dos nossos vinte séculos de civilização cristã, apoiados na sólida e espessa estrutura que sucessivas gerações foram acumulando, tudo o que ficou para trás e verificar, com os olhos da Fé, como efectivamente, através dos factos acontecidos há um caminhar sem retrocesso, apesar de todos os desvios, apesar de todas as heresias com ou sem carácter de reformadoras, que se produziram.

Porém e apesar do auxílio desta visão retrospectiva, o panorama do tempo em que vivemos, seria extremamente desorientador, se em nós não estivesse enraizada e a cada momento não fosse alimentada a certeza de que o Senhor virá no fim dos tempos, e de que, para que ele venha é necessário que toda a terra, todos os povos o tenham conhecido.

Se a urgência da acção dos cristãos para o alargamento do Reino é uma constante, por tantas razões de fé, creio que ela no

nosso tempo é ainda forçada pelas situações concretas.

E se isto é verdadeiro para o apostolado «latu sensu», é-o de uma forma especial para o apostolado dos leigos, pelas suas características próprias. Na verdade creio que não há nenhum de nós que não tenha ouvido traçar o quadro alarmante das realidades económicas, sociais, morais e políticas do nosso tempo: elas são um cortejo de perturbações de toda a ordem.

— «O desenraizamento dos homens, a concentração nas cidades, que levam tantas vezes à perda da Fé...»

— «Milhões de homens que se vêem impedidos de exercer livremente os seus direitos essenciais, particularmente, a liberdade religiosa, bloqueada pelo comunismo, a igualdade racial...»

— «Em inúmeros países é o materialismo ateu que ganha terreno e por outro lado, é uma forma prática de ateísmo que invade cada vez mais as formas gerais de viver...»

A estes pontos poder-se-iam juntar outros tantos, tão graves como estes, e tão generalizados como estes.

Mas a consideração de tais factos pode ser infinitamente estimulante, se tomando-os como dados, formos capazes de ultrapassar a defesa inicial que provocam e lançarmo-nos corajosamente na acção que é exigida.

Como apóstolos leigos essa acção tem

campos que lhe estão especialmente destinados. Parece que nunca é demais lembrar com Pio XII que a «consagração do mundo, é essencialmente a obra própria dos leigos, homens que estão intimamente ligados à vida económica e social». E esta acção no mundo constitui sem dúvida um dos aspectos da sua acção apostólica. O cristão comprometido no mundo através de toda a sua vida, tem como tarefa fazer crescer os valores que estão em germe na criação e vivendo ao ritmo do seu tempo, no sentido de que está realmente empenhado nos justos interesses temporais das comunidades, contribuir para que a mensagem de Cristo penetre toda a vida humana.

Um outro elemento me parece importante e creio que constitui a dimensão última desta acção apostólica dos leigos.

É que, se o apostolado leigo encontra a sua expressão própria na acção sobre o mundo, chegando através da conversão dos indivíduos ao revolvimento das estruturas e das instituições, ele só atinge, no entanto, a sua plenitude quando mantém uma estreita ligação com o apostolado da Hierarquia. É então que esta acção de católicos se torna Acção Católica. Não cabe no âmbito destas linhas discutir a extensão correcta destas duas palavras. Interessa apenas referir aqueles traços que tradicionalmente a definem e que tem já por si amplitude suficiente para afastar quaisquer exclusivismos suspeitos e não permitem por outro lado confusões desnecessárias. Na definição de Pio XI é: a participação do laicado no apostolado hierárquico. A nossa atenção é chamada pelo que ela tem em primeiro lugar de «apostólica», depois pelo carácter generalizado do chamamento e finalmente pelo aspecto nítido de «tarefa de leigos» — correspondendo ao comprometimento cristão «uma profundidade das coisas melhor reconhecida».

Para a realização deste apostolado, é requerida uma séria formação, que assente em vários pontos fundamentais.

Em primeiro lugar, é exigido um aprofundamento de vida espiritual fundado na oração adaptada à vida do leigo, orientada para os outros, em espírito de Amor.

Por outro lado, o risco que representa o desequilíbrio entre uma formação intelectual de nível superior e uma formação religiosa abandonada na infância, tem de ser corrigido por um aprofundamento doutrinário, pela actualização exaustiva do conhecimento do mundo e das suas necessidades, sempre em modificação.

Isto deve constituir para cada um matéria de análise do que está a ser a sua vida.

Estes são também alguns dos aspectos, que se pretende considerar em conjunto, pela realização da Semana de Estudo em Fátima. Esta Semana surge dentro do programa das Comemorações como oportunidade de aferir rumos, de rever problemas, como a necessidade de união dos esforços de todos, para que a A.C. seja de facto um todo orgânico, capaz de ser uma presença da Igreja, em todos os meios; o «problema da formação de dirigentes capazes, cordões indispensáveis para qualquer aperfeiçoamento do fundo a introduzir na A.C.».

Com a Semana pretende-se pois que todos os dirigentes, nacionais gerais e diocesanos, participem deste «exame de consciência comum», levando-os a estudar as directrizes das orientações do Santo Padre, e da Hierarquia, chamando-os a debruçarem-se sobre os problemas da Igreja em Portugal, a considerar as possibilidades concretas da sua actuação nos mais diversos sectores.

Pretende-se finalmente que todos, dirigentes e filiados, tomem consciência da sua posição na Igreja e se sintam de facto mobilizados, para agir por Ela, e que este tempo de Comemorações seja tempo de renovação interior e de alargamento do âmbito da nossa acção no mundo.

Eduarda Cruzeiro



encontro missionário

É desnecessário sublinhar a importância que a África tem assumido nos últimos anos. Esse vasto continente, imerso como que num estado de inconsciência por muitos séculos, despertou de súbito e deu-se conta dos progressos da civilização ocidental. Como tudo o que se abre para a vida, quer afirmar-se e para o conseguir não hesita em lançar-se à conquista de tudo o que o Ocidente só alcançou no decorrer de vários séculos, numa ânsia louca de tudo assimilar prontamente.

Essa precipitação implica sérios e graves riscos que a Igreja, como guirriã (a humanidade), que evitar. Assim, através dos seus pastores e principalmente pela voz do seu último Pontífice defunto, tem a Igreja desenvolvido uma campanha no sentido de fazer despertar a consciência dos seus fiéis para as grandes tarefas a realizar que exigem a resposta quase imediata de cada um.

Foi tão angustioso porque urgente o apelo de Pio XII, que os homens de boa vontade existentes em vários países procuraram estudar o melhor modo de acudir às necessidades dos seus irmãos negros. Portugal não podia permanecer indiferente como país católico e missionário que é. A voz do Santo Padre teve também repercussão entre nós, dando origem à formação de grupos de estudo entre os leigos.

Ora tudo isto vem a propósito do Encontro Missionário que foi como que uma 1.ª realização desta preocupação missionária, levada a efeito nos dias 30, 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro passados.

Que foi o Encontro Missionário? É tão difícil dizê-lo. E é difícil justamente porque o Encontro

foi realmente um «encontro», não só de estudo e oração, mas de almas, cheias de ardor apostólico, o que não é susceptível de ser analisado em palavras. As quase duas centenas de participantes que viveram aqueles dias tão intensamente, pondo em comum as suas ideias, os seus sentimentos e as suas experiências, esses é que poderão talvez sentir o que foi o Encontro ao lerem estas impressões.

Pessoas nascidas ou não no Ultramar, com experiência ou sem ela, todas se debruçaram igualmente sobre os problemas mais importantes. Esses problemas tinham todos a África por fulcro e não só se situavam no tempo mas ainda na perspectiva intemporal de Deus, que teve em mente, desde sempre, a salvação de todos os povos. As sessões assumiram assim um carácter duplo — umas foram mais de exposição doutrinária como «A África no pensamento da Igreja Missionária», «A Igreja missionária no plano de redenção do mundo» e «O Cristão, unidade viva da Igreja Missionária», todas estas tendo em vista dar a conhecer os princípios orientadores da Igreja Missionária e a situar-nos em relação a eles. Outras sessões apelavam para a experiência vivida; nelas, todos os participantes eram chamados a depor, numa tentativa de contribuir, com o teu testemunho, para uma visão, o mais ampla possível, do panorama que o nosso Ultramar africano oferece. Sessões subordinadas a temas sugestivos como «A encarnação do cristianismo nos valores positivos da civilização africana», «Obstáculos levantados à evangelização da África», ou «Possibilidades de trabalho directamente apostólico dos leigos em terras de missão» (1) para não citar as outras, tinham um interesse tão grande que só se lamentava não se poder assistir a todas.

Analisada a situação da Igreja em África, muitas foram as sombras apontadas como maléficas, que urge combater. Esse reconhecimento do que há de sombrio no panorama geral é já por si um bom índice de que a consciência colectiva vai despertando para as realidades da hora presente. Se o Encontro visava apenas realizar essas consciencialização das responsabilidades que cabem a todo o cristão, creio que podemos dar-nos por satisfeitos a julgar pela reacção positiva que todos acusaram. Mas o Encontro foi mais ambicioso. Além de



(Continuação da página 23)

ter conseguido arrancar-nos às nossas preocupações do dia a dia, e do comodismo fácil em que nos instalamos, chamando a nossa atenção para o dever militante dos leigos, não se desprezou a oração que é afinal o ponto de partida para todo o apostolado.

Ninguém esquecerá a Noite de Oração nem a Missa Dominical, momentos em que o Corpo Místico esteve mais que nunca unido, e em que todos os corações e todas as vozes se uniram numa só, fazendo preces a Deus para que o Reino de Cristo se consolide na Terra.

E chegou-se depressa ao fim do Encontro, que foi encerrado por Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor D. José Pedro da Silva, Bispo de Tiava. Antes das palavras de Sua Excelência Reverendíssima falou a M.^a de Lourdes Pintasilgo que, criou em seu redor um clima de espiritualidade missionária e uma só atitude — a de sairmos do nosso eu e de respondermos — *Adsum*.

Cada um dos participantes veio do Encontro com novas forças e novo zelo missionário. É necessário agora que essas energias se multipliquem para que surjam «imensas falanges de apóstolos, semelhantes àquelas que a Igreja conheceu nos primeiros tempos». Há que viver o cristianismo integral e fazer que ele seja vivido — isso bastará para que tudo se modifique completamente.

Terá sido o Encontro o primeiro elo duma cadeia que culminará com uma obra eficaz na construção de uma Igreja Africana?

Esperamos que sim e que num futuro mais ou menos próximo o Encontro Missionário se concretize em qualquer sítio que seja, e sejam quais forem as suas participantes, pois hoje, como ontem, «a messe é grande e poucos os operários».

MARIA IVETTE COLAÇO

(¹) Temas das sessões parciais

- 1.^a Série: 1. A história do continente africano e a Igreja.
2. Obstáculos levantados à evangelização.
3. A encarnação do Cristianismo nos valores positivos da civilização africana.
- 2.^a Série: 1. Implicações do dever missionário de todos os cristãos.
2. Papel dos leigos na cristianização da ordem social em África.
3. Possibilidades de trabalho directamente apostólico dos leigos em terras de missão.

carnaval do Estoril

(Continuação da página 32)

qualquer capitalista mulher ao vestir o seu traje de sensação a pensar em Portugal, país do Carnaval luxuoso onde se foi ou se teve pena de não ir, gozar um ambiente de prazer, de alegria, de des-preocupação.

Evidentemente se Portugal destes fica lembrado por sua riqueza carnavalesca, também outros o irão buscar para foco de suas críticas ao viver dos ocidentais e é de esperar que antipáticamente nos acusem de gastar dinheiro para divertir ricos quando se podiam alimentar pobres.

É cabe dizer que o argumento que ouvi a um meu amigo importante de que com este Carnaval se ia proporcionar generosa entrada de divisas, mais tarde convertível em sopas para pobres, tal argumento se pode ter convencido quem o disse, não convence quem o ouvir, até porque o imposto que cai sobre esses divertimentos pode ou não destinar-se à Assistência e com tais folguedos não se chamaram fortunas estrangeiras. O que se chamou, foi o ricaço nacional e atrás dele o burguês que escolhendo para máscara a riqueza que não tem, estragou o orçamento levando filhas casadoiras a vestir-se de Portugal. Pobre e os miúdos mais novos a admirar o Corso, dispendiosa maneira de passar uma tarde aborrecida.

Depois eu sou irremediavelmente um sentimental e meu engraxa sapatos que tem onze anos e dez irmãos ou vive-versa, não sei bem, dizia-me outro dia meio trocista porque é muito novo para ser revoltado, que sua irmã também vestia de cor-de-rosa em seu bibe de asilo, os mais não tinham roupa dessa cor pelo que iam ao baile mascarados de meninos pobres. Riu-se e fez-me deixar de rir.

Não é preciso viver o Carnaval para se sentir a Quaresma. Mas tenha-se ou não vivido aquele, cheguemos a esta e Deus permita que se entre num clima sério de consciencialização de faltas, de renúncias e supérfluos, ambiente de sobriedade ideal para construir e para reformar. Sem Quaresma, é inútil esperar a Páscoa; e esta é exactamente a salvação do mundo, pelo renascer do ideal, homem gasto que morre para surgir homem novo, numa época em que todos precisamos de nos purificar, remindo pecados para merecer de Deus a graça dessa renovação.

Joaquim da Silva Pinto



→ Ver
hava pensar

a paz de Cuba

Há poucos anos proclamava Leonardi, chefe da revolução argentina que derrubou Péron, uma paz sem vencedores nem vencidos. Infelizmente, tão fecundo princípio não veio a frutificar. Pouco depois, tomava Aramburu conta do poder e iniciava a caça aos peronistas. O exemplo, tão contrário às tradições da América Latina, é hoje seguido em Cuba por Fidel de Castro.

Que fica de quem combateu em nome da liberdade, e agora procura implacavelmente a liquidação dos seus adversários? O debate jurídico é quase ilimitado. Parecia ser um princípio das nações civilizadas que as penas só pudessem ser aplicadas na base da lei anterior, e por intermédio de entidade imparcial. No fim da segunda grande guerra varreram-se estas considerações; mas, curiosamente, vemos os que aplaudiam os julgamentos de Nuremberga protestar contra os Nurembergazinhos de Cuba...

De que são acusados os vencidos? De terem conduzido uma guerra contra a insurreição? Era necessário mais: que se tratasse de crimes de direito comum, portanto, daqueles que o facto da guerra não bastaria para justificar. Era necessário que a legislação penal aplicável em Cuba os compreendesse. Estar-se-á dentro destes limites? Era necessário ainda uma autoridade *super partes*. Serão indicados semelhantes juizes, agindo no clima de explosão de ódios acumulados que sucede sempre a uma revolução vitoriosa?

Há mais dum século que das leis portuguesas foi banida a pena de morte por crimes políticos. É manifestação do princípio mais geral de que, por maiores que sejam as acusações, razões de segurança proibem que se tire a vida a inimigos políticos. Abstractamente, com dificuldade se encontram sequer razões em contrário: como se invoca pois uma situação de excepção de cada vez que se derruba um regime?*

Para além do problema jurídico, encontramos assim o profundo significado humano deste caso. A política nunca pode ser um absoluto. Não é

que não exista uma verdade política; mas nunca poderemos garantir sem reservas que coincida com a nossa opinião. Estamos no campo do relativo: seja quem for o nosso adversário devemos defrontá-lo em atitude de comunhão, como o colaborador que permitirá rever as nossas próprias falhas e não como o inimigo que se deve liquidar de qualquer maneira e à margem das bases fundamentais do Direito.

Não se pensou assim, dum lado e doutro, em Cuba. Por isso cessou a guerra, mas por isso também podemos estar certos que não chegou a Paz.

JOSÉ ASCENSAO

carnaval do Estoril

Cresci ouvindo por alturas de Fevereiro o coro das lamentações de dois tios meus que choravam juntos o desaparecimento do Entrudo barulhento e malcriado de outrora, lembrando com muita saudade partidas que faziam e fatos que estragavam nesses tempos.

O Carnaval que conheci foi esse burguês e insípido conjunto de quatro dias em que pouco mais longe se sabia ir do que atirar uma saquinho impertinente que visando o nariz arrebitado duma menina ia acertar no olho direito do pai ou do assalto aonde se levava uma razoável vontade de dançar e uma dúzia de pastéis de bacalhau.

Este ano, porém, surgiu o Carnaval do Estoril, inovação colorida e aborrecida que a Imprensa anunciou luxuoso, divertido e sobretudo internacional que é a adjectivação máxima para convencer o português do valor das organizações nacionais.

Não me exigirá o leitor que me pronuncie sobre as possibilidades de divertimento que ofereceu. Não fui lá e se tivesse ido sou suspeito: o Carnaval seja qual for não me diverte. Ainda estive para ir uma noite. Disseram-me, porém, que era o baile rosa e que devia levar laço dessa cor. Achei chocante.

Também não me demorei sobre a passagem pelo Estoril dos prestigiosos decotes do meio cinematográfico e mundano que vieram de graça encarecer os bilhetes, nem das mais personalidades populares que passearam pelo Estoril alguns constipados e muitos outros demasiado bebidos.

Já me parece de atender à gentileza de grandes costureiros estrangeiros terem chamado ao rosa decretado cor da moda «Portugal Pink». Isto levará

(Continua na página 31)



Fundação Cuidar o Futuro

Se ainda não pagou a sua assinatura, agradecemos que o faça, prontamente, enviando 20\$00 em vale de correio para Direcção Geral da J.U.C.F. — Av. Duque de Loulé, 90 r/c Lisboa.

A REDACÇÃO

Fundação Cuidar o Futuro

NO PRÓXIMO NÚMERO :

A Cristandade e o próximo concílio ecuménico

Notas de uma viagem à Polónia